

Jornada Mundial da Juventude
«Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1,39)

Encontro “Rise Up”
Contributo de Margaret Karram, Presidente do Movimento dos Focolares

Ontem contei que já com os meus 14 anos sabia que queria viver a minha vida pela justiça social, pela paz no meu país. Sou de origem palestina e cresci em Haifa, em Israel, e há muitos anos que a minha terra vive conflitos e violências.

Portanto, interessa-me muito o tema sobre o qual estamos, hoje, a refletir: a amizade social. Existe uma passagem que o Papa Francisco escreveu na encíclica *Fratelli Tutti* que expressa muito bem o objetivo da minha vida. Ele encoraja a construir pontes, a viver uma “fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita”.

Esta “fraternidade” foi sempre a minha paixão e quando conheci o Carisma da unidade entendi que poderia vivê-la com cada pessoa, independentemente da sua cultura, religião ou etnia.

Aos 22 anos fui estudar para os Estados Unidos, numa universidade onde havia muitos jovens americanos de religião judaica. Era tudo muito novo, o país e a cidade onde eu estava, Los Angeles, era uma metrópole comparada com a minha, tão pequena e onde todos nos conhecíamos. Eu não conhecia ninguém na universidade. Tinha que estudar numa língua que não era a minha e tinha receio de não ser aceite.

Durante meses quase não falei com ninguém mas, quando chegou a festa do Ano Novo judaico, sabendo que eu estaria sozinha, alguém me convidou para participar nas celebrações religiosas. Aceitei, mas quis dizer-lhes que era cristã. A primeira reação desses jovens foi de espanto, e perguntaram-me: “Por que é que vieste estudar para aqui, se não és hebreia?” Senti que tinha chegado a hora de contar a estes novos amigos a minha escolha de vida, que é querer viver pela paz e, portanto, queria conhecer e enriquecer-me com quem era diferente de mim.

A partir desse momento tudo mudou: começámos a estudar juntos, a estar juntos nos intervalos, a sentarmo-nos uns ao lado dos outros durante as aulas. Até que um deles me disse: “Eu nunca teria imaginado sentar-me ao lado de alguém de uma nacionalidade tão diferente da minha”. Talvez saibam, pela História, que há muito tempo que os hebreus e os árabes se consideram inimigos. Até mesmo os meus professores se interessavam por mim de uma forma completamente diferente, tinham tanta atenção para comigo que depois das aulas perguntavam-me se tinha corrido tudo bem, se alguma coisa me tinha ofendido... Nasceu entre nós uma relação de estima, amizade, apreço mútuo. Posso dizer que é possível viver,

como disse o Papa, esta “fraternidade aberta” que derruba os muros e os medos que construímos dentro de nós.

Outro exemplo que gostaria de vos contar é uma experiência de convivência de alguns dias, que fizemos o ano passado no norte da Galileia, promovida pelo Movimento dos Focolares. Nós chamámo-la: “*Dare to care for a better future*” - Ousar cuidar de um futuro melhor.

Na base da iniciativa estava a ideia de criar um espaço onde pessoas de diferentes etnias e religiões, mas também sem um credo religioso – crianças, jovens, famílias – pudessem conhecer-se e construir pontes. Conversar, conhecerem-se pessoalmente, descobrir que o outro tem os mesmos problemas que tu, as tuas mesmas dúvidas, é muito importante e não há nada como o diálogo – frente a frente - para derrubar os preconceitos que temos.

Um muçulmano disse: “Estar com os outros é um dom natural, uma capacidade, uma prática. Precisamente como uma língua, que, se não for praticada, perde-se. Aqui entendo que, como diz o título destes nossos dias, é preciso ter coragem para cuidarmos uns dos outros, para nos tornarmos seres humanos melhores”.

Outra pessoa, cristã, também disse: “Não podemos falar de paz se não nos conhecermos. Conhecer o outro faz com que caiam todas as barreiras”.

Como movimento procuramos promover regularmente oportunidades de conhecimento e encontros com base na amizade que procuramos cultivar diariamente, pois, momentos como este - como dizia o meu amigo Talat - “servem para unir energias, partilhar experiências, encurtar o caminho para chegar à construção de uma sociedade mais fraterna”.

Estes são apenas alguns exemplos, e tenho a certeza de que vocês também teriam muito para contar! Mas por experiência própria, gostaria de vos dizer que ter a coragem de sair de nós mesmos para conhecer o outro, “ao vivo”, funciona mesmo e que viver assim é realmente muito mais bonito!

Pensando também em Maria que é a protagonista desta JMJ... ela teve sempre coragem, seguiu Jesus até o fim, até aos pés da cruz onde experimentou o seu maior sofrimento. Ela é de facto um modelo para nós, de impulso, de alguém que nunca desistiu. Gostaria de vos convidar a não perderem as oportunidades de construir relacionamentos verdadeiros onde estiverem, pois são a base da paz... vocês têm todas as condições para o fazer e não estão sozinhos, somos muitos e isso dá-nos força para não desistir, mas sim para acreditar!